A IMPORTÂNCIA DA CÂMARA MUNICIPAL NA HISTÓRIA DE SÃO PAULO – EVOCAÇÃO HISTÓRICA

Damásio Evangelista de Jesus (sócio titular do IHGSP)

[Discurso proferido no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no dia 30/5/2007, agradecendo a concessão do título de Cidadão Paulistano]

Exmo. Sr. Vereador Aurélio Nomura, Digníssimo Presidente desta sessão, Exmos. Srs. Vereadores, Meus caros Amigos, Minhas Senhoras, meus Senhores.

Venho, nesta noite, a este histórico Palácio Anchieta, sede da Câmara Municipal de São Paulo, para receber, confesso que com enorme emoção, um título que para mim tem um significado muito grande: o de cidadão paulistano, porquanto os dignos Membros desta Casa, legítimos representantes do povo desta Capital, houveram por bem anuir à proposta que lhes fez, nesse sentido, meu nobre Amigo Vereador Aurélio Nomura.

Quero agradecer a V. Exa., nobre Vereador Aurélio Nomura, pela iniciativa da concessão desse honroso título. As palavras com as quais V. Exa. se dirigiu à minha pessoa invocam não somente o pouco que fiz até agora, mas sobretudo me lembram que, em face desse título, devo sobrepor-me ao já realizado e partir para novas tarefas à altura dessa terra abençoada que me chama, de agora em diante, de filho paulistano.

Quando era criança, e isso já faz tanto tempo, fui cliente, na cidade de Marília, no interior do Estado, do Dr. Diogo Nomura, cirurgião-dentista. Naquela época, eu frequentava a Confeitaria Tartaruga, que pertencia à família da D. Maria do Carmo Nomura, esposa do Dr. Diogo. Antes de ir ao Cine Marília, às quartas-feiras, para assistir aos filmes de Tarzan, passava pela confeitaria e, além de doces, comprava mortadela, comendo durante as sessões. Eleito Deputado Federal, o Dr. Diogo Nomura foi estudar Direito em Bauru, onde eu, já pertencente ao Ministério Público do Estado de São Paulo, fui seu Professor

de Direito Penal. Depois, nesta Capital, tive a honra de ser Professor do ilustre vereador Aurélio Nomura, filho do Deputado Federal. E hoje, na terceira geração da família Nomura, sou Professor do Diogo Nomura Neto, filho do Marco Antônio Nomura. Creio que sou a única pessoa no mundo que lecionou para três gerações da família Nomura: o avô Diogo, o filho Aurélio e o neto, Diogo Neto, o que muito me honra. Tenho cuidado muito bem da minha saúde, mas acredito difícil bater o meu próprio *record*.

Agradeço a presença da minha família: Neuza, que me tem acompanhado na labuta da vida por dezenas de anos; Rosângela e Rosana, filhas, pelo cuidado que me dedicam; os genros Agostinho e Vicente, pelo carinho com que tratam as nossas filhas e netos; e os netos Vinícius e Nathália, presentes, estendendo minha devoção às netas ausentes Marina, Victória, Lorena, Laís e Luísa. Às pequeninhas, a percepção do Damásio, notando que estão conhecendo o avô Damásio, pedindo a Deus que permita ainda mostrar a elas o Professor Damásio.

Agradeço a presença dos meus Diretores, professores e funcionários do Complexo Jurídico Damásio de Jesus, autores e partícipes indispensáveis dos projetos de profissão, profissionais competentes e responsáveis, aos quais se deve o sucesso das empreitadas.

Meu muito obrigado aos funcionários da família e, especialmente, aos meus amigos. Irmãos de vida, companheiros da tristeza e da alegria, das vitórias e dos fracassos, companheiros e conselheiros incansáveis das lutas vencidas e evitadas, dos problemas resolvidos e das questões por administrar. Confidentes fiéis, que comigo choraram nas horas amargas e que comigo riram nos momentos de sucesso.

O meu agradecimento muito especial a Ives Gandra da Silva Martins, a quem digo que uma das coisas mais preciosas que possuo, e não são muitas, é poder dizer a mim mesmo que ele é meu amigo.

Já estou numa idade em que tenho condições de avaliar objetivamente, com a experiência dos anos e das décadas, acumulada em muitas dezenas de invernos sucedidos, o alcance de homenagens expressivas como esta. Sem falsa modéstia, mas também sem falsas ilusões, devo lhes dizer que nesta alta honraria que me conferem, muito acima do que uma homenagem à minha pessoa, vejo uma deferência aos valores que a seguir mencionarei, aos quais consagrei



minha vida até agora, e, se Deus continuar a iluminar os meus passos, como sempre tem feito, consagrarei todo o tempo que ainda me resta viver nesta terra:

- O Direito, valor supremo ao qual se subordina tudo o mais;
- O Trabalho, não só como meio de sobrevivência, mas sobretudo como instrumento de dignificação da pessoa humana;
- A Educação, como recurso capaz de elevar o homem ao exercício da plena e verdadeira cidadania;
- E, por fim, a Liberdade, como o único caldo de cultura em que os talentos e as potencialidades do nosso povo podem florescer e produzir seus frutos, pois, sem liberdade, a criatura humana fatalmente se apouca, se amesquinha, se acovarda, se esteriliza.

Esses valores, meus caros Amigos e Amigas que me ouvem, são nobres e elevados. Jamais devemos, por interesses ou vantagens de qualquer espécie, sacrificá-los. Por eles, quaisquer esforços, quaisquer sacrifícios, ainda mesmo o de nossa própria vida, devemos estar sempre dispostos a fazer.

Juvenal, o grande poeta satírico romano, criticou acerbamente a mentalidade das pessoas que, apegadas às comodidades da vida, esquecem os mais altos ideais, precisamente aqueles que tornam uma vida digna de ser vivida. Ele cunhou uma frase muito bonita, que de vez em quando gosto de recordar aos meus alunos de hoje, já tão distantes do Latim que estudávamos outrora nos bancos ginasiais: "Propter vitam, vivendi perdere causas".

Meu querido amigo Vereador Aurélio Nomura, que há pouco me saudou com palavras tão carinhosas e generosas, estou convencido de que, muito mais do que o Prof. Damásio de Jesus, são os valores citados que estão sendo homenageados nesta noite: o Direito, o Trabalho, a Educação, a Liberdade.

Devo dizer, ainda, que para mim tem um grandíssimo significado ser cidadão de São Paulo. Para o menino humilde nascido em Cerquilho, a Cidades das Rosas, então uma cidadezinha do interior paulista, a Capital sempre exerceu um fascínio difícil de exprimir. Nós, os da minha geração, nos orgulhávamos e ainda nos orgulhamos de pertencer a um Estado que tinha como capital "a cidade que mais cresce no mundo".

Quando tive que vir prestar concurso de ingresso na carreira do Ministé-

Satirae, VIII, 84.

rio Público nesta capital, encontrando-me num ônibus do qual via de longe os arranha-céus da cidade, assustei-me com a grande ousadia: a de vencer na vida numa das maiores metrópoles do planeta.

As glórias de São Paulo, naqueles tempos em que a lembrança da Revolução de 1932 ainda estava bem viva, eram algo que nos enchia de admiração.

Pensar que num lugarejo perdido no alto da Serra, já no século XVI se havia estabelecido uma vila com Câmara Municipal própria, cercada de uma natureza inóspita e de perigos de toda ordem...

Pensar que foi em torno de um colégio que, graças ao idealismo e ao espírito apostólico de Nóbrega, de Anchieta, de Manuel de Paiva, apoiados nos braços fortes de Tibiriçá e de seu genro João Ramalho, se fundou esta cidade bendita, hoje a maior de todo o Hemisfério Sul...

Pensar que, no ciclo das Bandeiras e da mineração, as expedições saídas de São Paulo seguiam, sertão adentro, pelas rotas monçoeiras e pelas trilhas dos tropeiros, dilatando este imenso Brasil...

Pensar que, graças ao esforço de gerações e gerações de munícipes paulistanos, o Brasil é hoje três vezes maior do que seria se tivessem sido conservados os limites iniciais fixados pelo Tratado de Tordesilhas...

Pensar que São Paulo, embora vila de poucos milhares de habitantes, foi sede administrativa de um território que, em certo momento, abrangeu São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás...

Pensar que Camões disse do navegador luso que "se mais mundo houvera, lá chegara"², mas também poderíamos dizer do desbravador paulista: "se mais sertão houvera, lá chegara"...

Pensar que São Paulo foi o palco da Independência, afirmando assim na História do Brasil o valor supremo da Liberdade; mas foi também cultora do Direito, já que foi uma das duas cidades escolhidas para abrigar a primeira Faculdade de Direito do País; e foi também cultora do Trabalho, sendo a que primeiro se abriu para a imigração e para a industrialização, graças às quais se transformou no primeiro parque industrial do Brasil e da América Latina.

Tudo isso fascinava o menino Damásio, na Cerquilho antiga, como tam-

² Os Lusiadas, VII, 14.



bém me fascinava o lema altaneiro de nossa capital: NON DUCOR DUCO... Foi contemplando a história de São Paulo que aprendi a admirar o Trabalho, a Educação, a Liberdade, o Direito.

Pois bem, Senhores Vereadores, minhas Senhoras e meus Senhores, de onde provinha o impulso que levou São Paulo a fazer tantas coisas pelo Brasil, fiel ao lema estadual PRO BRASILIA FIANT EXIMIA?

A resposta é uma só.

Esse impulso provinha da Câmara de São Paulo, sede administrativa da Vila e depois Cidade paulopolitana, símbolo e garante máximo das autonomias e liberdades da boa gente da terra. Essa Câmara era o coração forte, capaz de bombear sangue generoso até locais tão distantes, para benefício de todo o organismo brasileiro.

Sim, Senhores Vereadores, é a esta mesma Câmara, hoje constituída por Vs. Exas., que estou a me referir. É ela que mantém ininterrupta continuidade histórica, desde sua fundação, ainda em meados do século XVI.

Sou profundamente municipalista. Admiro de toda a alma o sistema municipalista tradicional em Portugal, que tem raízes já nos tempos anteriores à invasão da Península Ibérica pelos mouros e foi preservado ao longo de toda a Idade Média, sendo depois transplantado, pelos povoadores lusos, para o nosso Brasil.

Era um municipalismo que respeitava o poder central na esfera que a este era própria, mas preservava ciosamente seus foros e autonomias no âmbito da administração local. Muito arraigado na cultura portuguesa, gozava de uma autonomia mais ampla do que a de seus congêneres existentes em outras nações europeias. Mesmo durante a vigência do regime colonial, vigorava na América lusa, em âmbito municipal, um regime democrático e representativo solidamente assentado nos costumes, nas tradições e nas próprias Ordenações do Reino. Essa realidade histórica, infelizmente, é quase desconhecida em nossos dias. Sobre ela, escreveu belas páginas o saudoso Mestre Waldemar Martins Ferreira, professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na sua magistral História do Direito Brasileiro³.

Tomo I, Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1951. Ver também, a respeito: Manoel Rodrigues Ferreira, As repúblicas municipais do Brasil (1532-1820), Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, São Paulo, 1980; Homero Barradas, O modelo municipalista brasileiro, in O Brasil nos tempos de El-Rei, Artpress, São Paulo, 2002; Affonso Ruy, História da Câmara Municipal da Cidade de Salvador, Bahia, 1953; João Francisco Lisboa, Apontamentos

As vilas constituíam verdadeiras "repúblicas municipais" que se autoadministravam com larga margem de autonomia, constituídas por vereadores eleitos no próprio local. E que eram, curiosamente, muitas vezes eleitos contra a própria vontade.

Sim, eleitos contra a própria vontade! Com efeito, se tivermos a paciência de percorrer as *Atas da Câmara Municipal de São Paulo*, publicadas por iniciativa de Washington Luiz na coleção *Documentos Interessantes para a História de São Paulo*, veremos numerosos casos de vereadores que eram escolhidos pelo povo, mas que, entretanto, faziam de tudo para serem dispensados do encargo, porque naqueles tempos remotos era penoso o exercício do múnus da vereança. O vereador tinha que servir à comunidade gratuitamente, tinha que fazer o sacrifício de seus interesses pessoais sem compensação alguma que não fossem a consideração e o respeito dos seus co-munícipes.

Se percorrermos a nominata dos vereadores que, antes de Vs. Exas., ao longo dos séculos ilustraram esta Casa, servindo ao Bem Comum da grei paulistana, veremos muitos nomes históricos de povoadores, bandeirantes, desbravadores, administradores, políticos, estadistas, professores de Direito, médicos, engenheiros e tantos outros, todos artífices da grandeza paulistana, da grandeza paulista, da grandeza brasileira.

Pois bem, Senhores Vereadores, Vs. Exas., enquanto legítimos representantes do povo paulistano e enquanto lídimos continuadores daqueles ilustres Edis de eras passadas, cujos nomes estão gravados na placa dos logradouros públicos e nas páginas da nossa História, se dignaram honrar e cativar este velho professor de Direito com a concessão de um título que, doravante, ele portará com o maior orgulho: o de cidadão paulistano.

Só posso corresponder a Vs. Exas. com um singelo, sincero e comovido "muito obrigado".